

O MITO COMO FORMA DE PENSAMENTO

João Ribeiro Júnior

(Professor do IAC/PUCAMP)

O mito não é uma forma de pensamento própria dos povos primitivos, das crianças e das pessoas de pouca cultura, senão que é uma categoria eterna do pensamento racional. É uma história dos acontecimentos que são eternos, porque se repetem; mas é uma história diversa da que conhecemos, pois ela se refere sempre a um tempo que não é irreversível, a uma temporalidade. O mito é, pois, um produto necessário e constante do espírito. Está presente em todas as épocas e culturas da história até nossos dias.

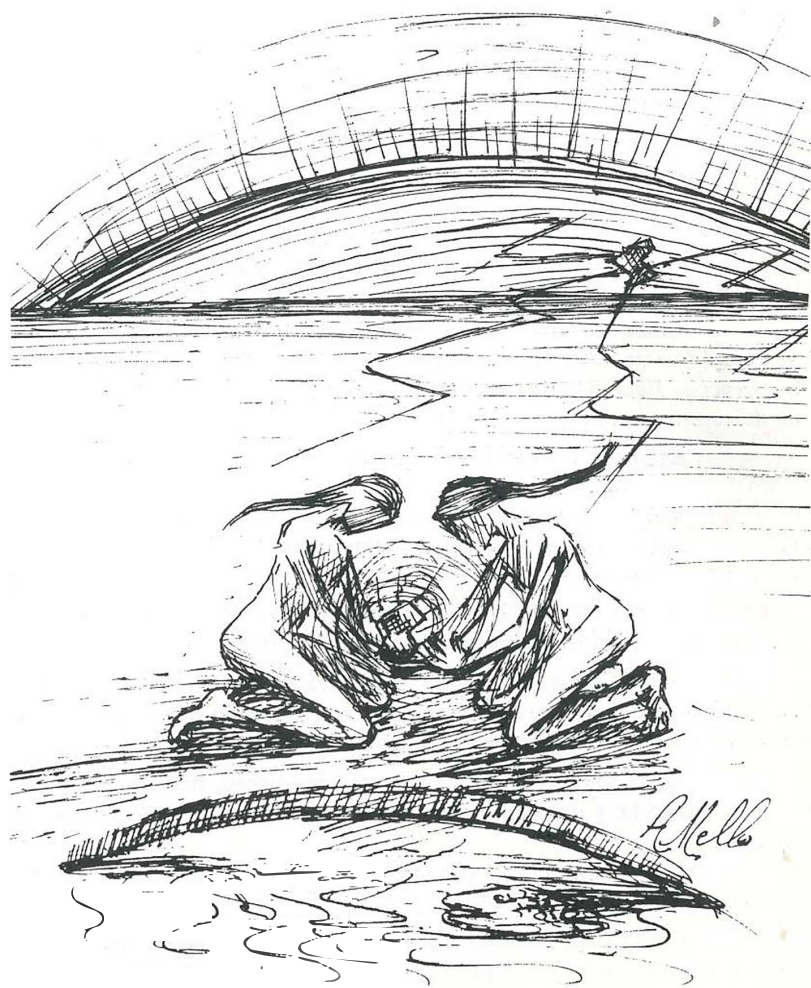
O mito é uma história perene, isto é, uma história dos acontecimentos que são eternos, porque se repetem; mas é uma história diversa da que conhecemos, pois ela se refere sempre a um tempo que não é irreversível, a uma temporalidade, que se elimina pela participação no sagrado, a um "tempo circular".

Este estudo centra-se nesta afirmação fundamental: O mito não é uma forma de pensamento própria dos povos primitivos, das crianças e das pessoas de pouca cultura, senão que é uma categoria eterna do pensamento racional.

O mito, portanto, é um fato vivo, autêntico, que acompanha os povos em todo o seu ciclo de vida. Uma vez aflorado não permanece em sua forma primitiva, mas varia, desenvolvendo-se, primeiro oralmente e depois fixado na escrita.

Segue os povos em suas migrações, propaga-se de mitologia a mitologia, de religião a religião, dilatando-se ou diminuindo por influência de outros cultos, ou aliando-se aos sobreviventes e esgotando ou haurindo o seu acervo tradicional.

O ROUBO DO FOGO



Finalmente, adapta-se ao meio para onde é transplantado, adquirindo feições locais; pois o mito é profundamente popular e nacional, encontrando, nas representações figuradas, matéria para a sua transformação.

Como se vê, abordar, diretamente, o problema do mito é uma tarefa difícil, já que através da **História da Cultura**, ele se apresenta, verdadeiramente, com aspecto proteiforme, isto é, muda de forma com frequência, e é, ao mesmo tempo, global: ele engloba todos os elementos de uma atuação ou ação.

O mito é uma totalidade que não se pode dividir sem destruir; uma estrutura inatingível racionalmente. Daí qualquer análise racional do mito trazer sempre em seu bojo o risco de despojá-lo de sua unidade fundamental.

Na realidade, o mito tem pelos menos duas acepções: primeiro, o sentido **natural**, como explicação de fenômenos naturais ordinários ou **extraordinários**; o mito é então um pensamento científico primitivo, por meio do qual o homem se explica o mundo **antropomorficamente**; é o que faz a mitologia: os deuses são homens divinizados.

Quem primeiro assim explicou o mito foi o filósofo grego Evêmero (Evemerismo) que desde o século IV a.C. doutrinava como sendo narrações figuradas dos acontecimentos históricos dos deuses e heróis que deixaram recordações de gratidão ou de terror.

Evêmero procurou nos relatos mitológicos uma significação racional.

Mas, há, também, outro sentido que entende que este antropomorfismo ingênuo não é mais do que uma cobertura poética, através da qual se pode alcançar altas verdades.

As mitologias são susceptíveis de uma interpretação que seja capaz de captar o profundo sentido que encerra o mito.

Assim, surge um sentido mais elevado, transcendental, que nos fala de uma realidade sobre-humana, uma compreensão da existência, que faz referência à vida do homem e ao seu destino.

Neste sentido, o mito pode ser uma ficção, mas não um engano, nem falsidade; é um modo de falar daquilo que a Razão jamais poderá captar.

Em relação a dada civilização ou cultura, o mito pode expressar suas tendências mais profundas.

O mito não é uma superestrutura, na medida em que não se limita a ser translação de estruturas materiais; ele também não é um véu ideológico de algo que existe, mas que não gostaríamos de ver; nem uma justificativa vulgar de realidade que é considerada injusta.

O mito é muito mais do que tudo isso e, em certos casos, mais essencial do que a própria estrutura material.

Na verdade, esta estrutura por si só nada é; ela se torna realmente importante na medida em que se reflete na consciência do homem, que determina sua vida econômica, ou o desenvolvimento tecnológico e a expansão do Estado.

É o mito que as interpreta e, portanto, lhes dá significado. Destarte, as categorias mitológicas são autênticas categorias do pensamento, que nos brindam com experiência da realidade que está encerrada no pensamento abstrato, racional e conceitual.

Nelas se expressa o sentido que está no fundo de todo ser, a realidade sobrenatural que deve toda natureza, o elemento supra-sensível que se encontra em toda experiência sensível, a dimensão profunda dos acontecimentos.

O conteúdo de verdade e de conhecimento da linguagem mitológica é tanto maior na medida em que esta linguagem, apesar de seu caráter intuitivo, se dá conta de sua insuficiência e impropriedade, e trata de dar forma a este conteúdo em um símbolo.

O mito nunca é uma palavra abstrata

O pensamento mítico não se interessa pelas leis imanentes do mundo e da matéria. Ele explica o mundo empírico à luz de uma realidade transcendente que ao mesmo tempo constitui e unifica todos os seres e acontecimentos do universo.

Esta realidade transcendente é o mundo divino. Assim, o mito, como palavra e linguagem, narra, antes de tudo, os acontecimentos, as ações, e a história dos deuses e as suas relações entre si, com o mundo e o infra-mundo.

Tais acontecimentos são considerados como explicativos de tudo o que vem a ser-no-mundo. Neste sentido, os acontecimentos míticos são acontecimentos normativos e essenciais.

O mito nunca é uma palavra abstrata. Ele é uma palavra concreta e efetiva. Embora trate de realidades diversas, são estas realidades que fornecem o princípio inteligível de todos os eventos principais da vida humana.

O homem primitivo nunca considerava a narrativa mítica como ficção, lenda ou literatura fantasiosa. O mito lhe falava da verdadeira realidade, o evento que conferiu significado e consistência a seu mundo.

Não se conhece nenhuma sociedade humana sem mitos, ou motivos mitológicos. Aparecem na literatura, nas interpretações de clarividentes, teólogos, filósofos, poetas e cancioneiros.

O homem, aparentemente, não se pode manter no universo sem alguma crença em temas herdados da mitologia.

Realmente, a riqueza de sua vida parece estar em proporção direta à profundidade e amplitude de sua mitologia local, e não de seu pensamento racional.

Na verdade, a crença racional está sempre em segundo lugar. Habitualmente, tendemos a esquecer que, como seres humanos, a nossa racionalidade vem, não no primeiro, mas em segundo lugar, e que a nossa civilização emergiu só recentemente de um passado primitivo, relativamente sem início nem história.

A ciência organiza a experiência, não porque seja racional, mas porque depende de imagens controladoras.

Assim, nenhum estudo do homem ou do conhecimento humano pode prescindir de um exame crítico do mito.

O mito nos obriga a voltar às origens, a verificar o fundamento das distinções operadas pela consciência racional; em outros termos, põe a questão da natureza, do valor e os limites da reflexão filosófica.

O mito se apresenta, deste modo, como uma fonte de conhecimento, um saber que atinge as camadas mais profundas da existência.

Daí minha afirmação inicial: o mito não é uma forma de pensamento própria dos povos primitivos, das crianças e das pessoas de pouca cultura, senão que é uma categoria eterna do pensamento humano, ao lado, e não em contraposição, do pensamento racional.

O mito faz um chamamento mais à imaginação do que à razão. Ele é um meio retórico, mas seu objeto não é enganar nem iludir.

O mito serve para falar daquelas coisas que a razão não pode compreender, por isso sua linguagem é analógica. Ele tem sempre uma intenção moral, e deve dar-se pelo que é, para que não haja lugar para o engano, como ocorre com as fábulas.

Assim, o mito é um processo de desocultação do ser, e consequentemente, de ocultação de outras possibilidades dele, que atuam instaurando campos de significados, relevâncias, modelos e realidades do mundo.

Experiência total e globalizante do homem

No mito ficam consignados as origens, os modelos de comportamento, o dinamismo e as orientações de evolução das sociedades, e a própria feição histórica das mesmas.

Portanto, o pensamento mítico não resulta de uma investigação rigorosa, mas da experiência total e globalizante do homem em face das forças misteriosas da natureza.

O mito não é uma reação intelectual frente a um enigma, mas um ato de fé explícito, nascido da reação instintiva e emocional das mais íntimas, em face da mais espantosa e obsessiva idéia, em face do mistério profundo.

Esta experiência do homem não secularizado é de natureza essencialmente religiosa e, por isso, ligada ao culto e à religião, que codifica e organiza esta experiência.

Na realidade “viver o mito” implica experiência religiosa, mas que não se identifica com a religião propriamente dita, porquanto esta experiência deve ser entendida num sentido naturalista. É na natureza que o homem encontra a força para modelar sua vida.

Destarte, o mito não é uma explicação científica, mas uma narrativa, que exprime as profundas aspirações religiosas e necessidades morais e sociais do homem.

Nas civilizações primitivas, o mito desempenhou (e desempenha) uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais, garante a eficácia do ritual, e oferece regras práticas para a orientação do homem.

O mito é, pois, uma realidade viva à qual se recorre incessantemente; não é, absolutamente, uma teoria abstrata ou fantasia artística, mas uma verdadeira decodificação de experiência religiosa e da sabedoria prática.

Para o homem primitivo, o mito articula a experiência concreta e vivida da sua unidade e harmonia com a natureza. Por isso, o mito nunca se afasta completamente da experiência imediata e pessoal, e difere do conhecimento científico e da reflexão filosófica.

O mito refere-se à experiência integral do homem com todas as suas dimensões: emocionais, intelectuais e corporais. Por isso já se lia no frontão do templo de Apolo, em Delfos: **Conhece-te a ti mesmo.**

No mito o mundo é percebido como força vital e dinâmica. As distinções científicas ou filosóficas entre sujeito e objeto, realidade e aparência, símbolo e simbolizado, corpo e alma, matéria e espírito, são insuficientes para captar a experiência do homem primitivo.

Este mundo pessoal de pensar a realidade está na base de todas as religiões primitivas. As divindades da mitologia são personificações de elementos naturais e fenômenos meteorológicos.

O pensamento mítico, portanto, não obedece a critérios de método determinado. Falta-lhe a neutralidade e a objetividade.

Ele está intimamente ligado a subjetividade do homem (primitivo ou não), às suas atitudes, sentimentos, aspirações, valores e necessidades. Tudo é captado numa única experiência total e não diferenciada.

As narrativas míticas nos obrigam a voltar ao homem que as fabrica, ao seu comportamento, à sua experiência, ao seu mundo. Eles refletem uma intencionalidade própria, sem a qual o mito fica inteligível.

Produto necessário e constante do espírito

Destacando a intencionalidade que sustenta o pensamento mítico, analisando as diversas maneiras com as quais ela se exprime, percebe-se que o mito é, na realidade, uma estrutura de experiência, e que esta estrutura é inteligível; ela une de maneira coerente elementos a primeira vista heterogêneos; além disso, o mito-narração é integrado num conjunto mais vasto, e dessa forma, ele mesmo recebe um sentido novo.

O mito é, pois, um produto necessário e constante do espírito. Está presente em todas as épocas e culturas da história até nossos dias.

Esta tenacidade do mito na cultura, indica que ele tem função vital para o homem, de tal modo que quando uma sociedade procura eliminar, totalmente, o comportamento mítico em favor do rigor científico, o homem desorienta-se e sua existência perde sentido, torna-se árida e automatizada.

O homem volta-se, então, a manifestar comportamentos míticos no seio da mesma sociedade que rejeita e desvaloriza o mito.

Na nossa civilização tecnológica encontramos ritos, costumes, comportamentos que remontam aos conceitos míticos, particularmente, no que se refere a evasão do momento presente, e a aspiração para uma idade ideal.

Toda forma de divertimento moderno: cinema, televisão, rádio, teatro, esporte, festas populares, música, tóxicos, luzes psicodélicas e outras parafernâlias do século XX, refletem determinada posição tomada perante o momento presente; uma posição que procura suprimir o tempo histórico.

Com a supressão da dimensão sagrada do tempo, o homem moderno não consegue mais dar um sentido positivo à sua atuação, ele procura assim fugir. Busca caminhos e meios de evitar o tempo, esquece o momento presente e mergulha no mundo do divertimento para aliviar o peso de seu tempo cotidiano e sem sentido.

Esta tentativa de superar o tempo profano trai um comportamento autenticamente mítico.

Portanto; podemos afirmar que a superação ou a eliminação do mito por obra de um pensamento racionalista ou positivista não significa um progresso, senão um enorme empobrecimento cultural.

Isto porque o mito não é produto nem da imaginação nem do intelecto, isto é, representações intelectuais, criações teóricas do homem

para explicar seu mundo, mas de uma intuição que surge das camadas mais profundas do ser, e que capta realidades invisíveis e transcendentes.

Pode-se até afirmar que as representações mitológicas não são nem inventadas nem aceitas livremente por um povo. Os homens nascem com uma mitologia sem que eles saibam como nem porquê.

O mito, pois, não é uma fábula, uma alegoria, mas um **dizer** original; não é uma criação arbitrária e caprichosa do homem, senão uma linguagem capaz de expressar o **Ser**, e é justamente na poesia que acontece o encontro entre o Homem e o Ser, ou o que é o mesmo, entre o Homem e Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIRER, Ernest. Antropologia Filosófica. Trad. V. F. de Queiroz, SP, Ed. Mestre Jou, 1972.
- CRIPPA, Adolpho. Mito e Cultura. SP, Ed. Convívio, 1975.
- ELIADE, Mircea. Aspects du Mythe. Paris, Ed. Gallimard, 1963.
- Mito e Realidade. Trad. Pola Avelli, SP, Ed. Perspectiva, 1972.
- FERREIRA DA SILVA, Vicente. Obras Completas. 2 vols., SP, Instituto Brasileiro de Filosofia, 1964 – 1966.
- KOLAKOWSKI, Leszek. A Presença do Mito. Trad. José Viegas Filho, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1981.
- LOTZ, Johannes B. "Mythos, Logos, Mysterion". Ein Philosophischer Beitrag zur Frage der Entmythologisierung. " In Der Mensch im Sein, Freiburg, Ed. Herder, 1967.
- PATAI, Raphael. O Mito e o Homem Moderno. Trad. Octavio Mendes Cajado, SP, Ed. Cultrix, 1974.
- SOUSA, Eudoro. História e Mito. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1981.